

Comunicação Oral

**DA FACE INATIVA DA INDÚSTRIA AO CONTEXTO ATIVO DO MUSEU:
ASPECTOS DA MUSEALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL¹**

Diana Farjalla Correia Lima - UNIRIO

Resumo

O panorama temático na associação Museologia e Patrimônio investigou a aplicação dos termos/conceitos musealização e patrimonialização em contexto dos remanescentes industriais, Patrimônio Industrial, focalizou modalidade de revitalização cultural implantada pela via museológica, identificou os museus estabelecidos por essa ação de preservação, por fim, relacionou-os à nomenclatura do campo e aos modelos técnico-conceituais tais como: Museu Clássico, Museu de Território, Ecomuseu, Museu Comunitário e Museu de Percurso. A investigação continua, portanto, pesquisando a Linguagem de Especialidade do campo da Museologia e, agora, apresenta um novo recorte terminológico de análise.

Palavras-Chave: Musealização. Patrimonialização. Linguagem de especialidade. Terminologia Museológica.

Abstract

The thematic panorama associates Museology and Cultural Heritage and investigated the use of terms/concepts musealization and patrimonialization in the context of the industrial vestiges, the Industrial Heritage, focused cultural revitalization deployed through museological work, identified the museums established by this practice of preservation, finally related them to the terminology of museological field and to the conceptual and technical models of museums as: Classic Museum, Ecomuseum, Open Air Museum, Territory Museum, or Community Museum. The research continues to study the specialty language of Museology and now now introduces two new terms/concepts analysed.

Keywords: Musealization. Patrimonialization. Specialty language. Museological terminology.

*Quando o apito da fábrica de tecidos
Vem ferir os meus ouvidos
Eu me lembro de você...
Noel Rosa (Três Apitos)*

1 A INDÚSTRIA E A MIRADA DA PATRIMONIALIZAÇÃO - MUSEALIZAÇÃO

O tema que estamos tratando desenvolve-se na composição da Museologia e do Patrimônio. Diz respeito a um quadro de referências evocando os elementos do cotidiano do mundo da indústria que foram postos de lado por um elenco de circunstâncias de diversas

¹ A pesquisa Termos e Conceitos da Museologia que vimos desenvolvendo na UNIRIO, 2006 - PPG-PMUS, desde março de 2013 conta com apoio do CNPq. O tema na perspectiva atual destaca os termos/conceitos musealização e patrimonialização que já se faziam presentes nas etapas anteriores, porém, sem a exclusividade do enfoque. Ao longo da investigação sobre o patrimônio industrial (2011-2013) atuou como bolsista PIBIC Leonardo Villeth, aluno do Curso de Museologia da UNIRIO, a quem agradeço a colaboração.

origens quer de ordem histórica, social, política bem como pelas novas perspectivas tecnológicas e econômicas que, interferindo nos modos de produção, estabelecem uma condição modificadora que a dinâmica dos tempos faz acontecer.

Envolve os conjuntos de exemplares do patrimônio musealizado e do patrimônio (musealizável) respectivamente designados pelos termos/conceitos que representam o Museu Industrial (ou da indústria) e o Patrimônio Industrial, modalidades que, também, expressam procedimentos de apropriação cultural de instituições especializadas, instâncias de maior representatividade no contexto dos princípios conceituais e práticos dirigidos à preservação e proteção, consideradas entidades competentes responsáveis pela aplicação dos processos de musealização e de patrimonialização.

O estudo aqui relatado que enfoca a designação industrial agregada aos termos/conceitos museu e patrimônio e ambos da mesma maneira apresentados nas acepções correspondentes: - coleção - herança, herança cultural - bem, bem cultural (largo senso inclui o natural) - monumento - sítio; exigiu que compreendêssemos a fundamentação de um projeto preservacionista desenvolvido pelas representações culturais e voltado aos exemplares da industrialização que, ao mesmo tempo, levou a ocorrência da ampliação conceitual dada ao termo patrimônio e, no caso em curso, culminou com o reconhecimento e a inserção do 'valor cultural' aos componentes do setor da produção industrial; pontos conectados ao aparecimento de museus dedicados ao tema.

A última questão, subentendendo a análise da gênese do termo patrimônio, da aplicação e a amplitude tomada pelos sentidos atribuídos ao longo dos tempos, já vinha sendo nosso objeto de estudo em diferentes etapas da pesquisa Termos e Conceitos da Museologia, perspectiva que muito nos auxiliou no assunto investigado e que ora relatamos.

Do mesmo modo que vínhamos tratando em período anterior, prosseguimos no estudo da terminologia museológica, ambiência da Linguagem de Especialidade, (linguagem profissional), expressão informacional e comunicacional que reflete e faz circular a teoria e ações do campo entre os pares, agentes individuais e institucionais, como também se volta às demandas de público e usuários leigos que visitam circuitos de exibição e usam serviços de informação oferecidos pelas instituições musealizadas. E a pesquisa, agora, apresenta o recorte enfocando os termos/conceitos que contemplam o cenário museológico-patrimonial da indústria.

O processo de revalorização atribuído aos espaços industriais quando, então, passaram a ser compreendidos na qualificação de herança cultural e objeto de proteção é recente. Teve origem depois da Segunda Guerra Mundial. Deve ser entendido como um novo olhar cultural

e marcado pelo contexto sócio-político da Inglaterra pós-guerra, período no qual muitas das antigas instalações e demais elementos dos processos industriais estavam em ruínas devido às mazelas dos bombardeios ou haviam sido abandonados pelas bruscas mudanças trazidas pelo declínio econômico ou, também, rejeitados pela defasagem gerada no âmbito da imposição das novas tecnologias. E, ainda, em decorrência da demanda social por novas áreas para expansão da malha urbana devido ao processo acelerado de urbanização, situação que despertou o interesse para novos usos de espaços degradados.

Em princípios dos anos 1950 na Inglaterra, berço da Revolução Industrial, deu-se o passo inicial na discussão para institucionalizar uma vertente de estudo dedicada ao âmbito industrial por meio da ação da Arqueologia Industrial como disciplina de referência. Podemos dizer ter sido emblemática a realização da Primeira Conferência Nacional de Arqueologia Industrial (*First National Conference on Industrial Archaeology*) em 1959. Do mesmo modo, deve ser considerada, na década seguinte, 1964, a edição do *Journal of Industry Archaeology*, o primeiro periódico a tratar especificamente do tema.

Assim, a Arqueologia Industrial, “disciplina que estuda cientificamente um contexto preciso de artefatos, imagens, estruturas, sítios, e paisagens de séculos recentes interagindo com a documentação e algumas vezes com o testemunho oral”², merece ser considerada como o estímulo deflagrador e determinante na construção de um pensamento para um novo “atributo simbólico do Patrimônio”³ e, portanto artífice, pois estabeleceu no quadro da tipologia do patrimônio uma nova categoria, o Patrimônio Industrial, patrimonializando diversas formas de apresentação e abrindo caminho, do mesmo modo, para a musealização de tais elementos. Também contribuiu para a ampliação conceitual do termo ao agregar mais uma classe de interpretação por meio da apropriação simbólica que um campo do conhecimento realiza responsabilizando-se pela tutela cultural de uma ‘nova’ representação patrimonial, testemunho da herança coletiva.

Ainda, com referência ao patrimônio industrial e sua inserção para musealizar, cabe-nos mencionar Moutinho⁴ relatando sua participação durante uma reunião de profissionais do

² TRINDER, Barrie. Reflections on the development of industrial archaeology. **TICCIH Buletin**. n. 12. 2000. N. P. Disponível em: <<http://www.mnactec.com/TICCIH/but.htm>>. Acesso em: jul. 2013.

³ LIMA, Diana Farjalla Correia. Atributos Simbólicos do Patrimônio: Museologia/"Patrimoniologia" e Informação em Contexto da Linguagem de Especialidade. In: ENANCIB 2010-ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11, 2010, Rio de Janeiro. **Anais..., GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação**. Rio de Janeiro: ANCIB, PPGCI-IBICT/UFRJ, 2010. 20 p. 1 CD ROM. Disponível em: <<http://congresso.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/view/273/311>>. Acesso em: jul. 2013.

⁴ MOUTINHO, Mario C. A declaração de Quebec de 1984. In: ARAUJO, Marcelo M.; BRUNO, Maria Cristina Oliveria. (Orgs.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo** – documentos e depoimentos. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995. p. 27.

campo museológico sob o ideário da nova museologia e que resultou na Declaração de Quebec (12 de outubro de 1984). O professor afirma: “Num documento de trabalho, então distribuído, eram apresentados alguns aspectos específicos de uma nova museologia.” O elenco em questão agrupava pontos básicos para rever conceitos e aplicar novas práticas museológicas. Em um dos tópicos estão mencionados a “arqueologia” e os “espaços industriais” referidos como dados para a inserção do patrimônio industrial no foco do estudo e tratamento da Museologia: “Os museus de arqueologia industrial, que no Reino Unido se embasavam na capacidade das populações de se apropriarem dos métodos da arqueologia e da história local”, organizando a restauração de espaços industriais [...]”.

E nunca é demais que lembremos o processo de valorização da herança cultural voltado ao tratamento dos “vestígios técnico-industriais, dos equipamentos técnicos, dos edifícios, dos produtos, dos documentos de arquivo e da própria organização industrial”⁵, conjunto efetivamente reconhecido como Patrimônio Industrial, ocorreu em um tempo histórico identificado como apropriado para conjugação dos denominados novos patrimônios⁶; assunto que passou a despertar o interesse dos pesquisadores de bens culturais, destacando-se os olhares para distinguir os elementos de natureza industrial que, a partir da segunda metade do século passado (anos 70), fortaleceram a trajetória de objeto de estudo. Passou a integrar a noção de patrimônio, herança cultural, o tema da indústria com suas referências para investigação que remetem preferencialmente à segunda metade do século XVIII, época da Revolução Industrial, até os dias atuais, contudo, sem negligenciar as denominadas “raízes pré e proto-industriais”⁷.

Prosseguindo na conjuntura de um pensamento para revalorização, em 1973 foi realizado o Primeiro Congresso Internacional para Conservação de Monumentos Industriais, FICCIM - *First International Congress on the Conservation of Industrial Monuments*⁸, realizado na região histórica de Ironbridge (The Ironbridge Gorge Museum Trust). Entre os resultados alcançados pelo evento pode-se relacionar a criação, em 1978, na Inglaterra, do Comitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial, TICCIH - *International*

⁵ IGESPAR-INSTITUTO DE GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO. **Patrimônio industrial**. Disponível em: <<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/itinerarios/industrial1/>>. Acesso em: jul. 2013.

⁶ CASANELLES, Rahola Eusebi. El Patrimonio Industrial, un Nuevo Patrimonio. In: **TICCIH-ICOMOS Working Seminar**, 2006. Barcelona-Espanha. TICCIH-ICOMOS. 2006. Disponível em: <<http://www.international.icomos.org/18thapril/2006/18abril2006-4.htm>>. Acesso em: jul. 2013.

⁷ TICCIH-The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage. **Carta de Nizhny Tagil sobre Patrimônio Industrial**. 2003. Disponível em: <[http://www.mnactec.cat/ticcih/pdf/NTagil Portuguese.pdf](http://www.mnactec.cat/ticcih/pdf/NTagil%20Portuguese.pdf)>. Acesso em: jul. 2013.

⁸ FICCIM - **First International Congress on the Conservation of Industrial Monuments**. Disponível em: <<http://ticcih.org/activities/congresses/#gb>>. Acesso em jul. 2013.

*Committee for the Conservation of the Industrial Heritage*⁹, “organização internacional para a arqueologia industrial e o patrimônio industrial” cujo objetivo é “estudar, proteger, conservar e explicar os vestígios da industrialização”. O Comitê atua desde o ano 2000 como conselheiro especial para o assunto junto ao Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, ICOMOS - *International Council on Monuments and Sites*. E o ICOMOS é o organismo que, juntamente com outras entidades, assessora a UNESCO no processo da Lista do Patrimônio Mundial¹⁰. Nosso país com a criação do Comitê Brasileiro de Preservação do Patrimônio Industrial, TICCIH - Brasil, 2004, que objetiva “pesquisar, investigar, mapear, catalogar, inventariar, divulgar, proteger e conservar os bens materiais e imateriais do patrimônio industrial brasileiro”¹¹ atua em consonância com Comitê internacional.

A construção cultural da categoria patrimonial implicou em questões relacionadas aos itens Preservação, Documentação, Informação, Comunicação, Visitação entre outros, originando discussões em âmbito nacional e em contexto internacional. As diversas representações ligadas ao processo da industrialização tornaram-se, assim, ambientes propícios para o exercício da patrimonialização e da musealização que se desenvolvem, inclusive, tendo por base um padrão conceitual e prático relativo aos itens apontados¹².

Musealização, patrimonialização, museu e patrimônio nos colocam em meio a formas culturais do simbólico que referenciam sociedade e natureza. O patrimônio expressa os bens culturais (conforme mencionamos envolve os de origem natural) cujo “caráter ultrapassa aquele dos bens comuns”¹³, retrata comunidades e ambientes interrelacionados, dimensão adequada às interações museológicas e demais situações derivadas. O museu é o espaço sócio-cultural identificado como patrimônio musealizado: “Os museus preservam, interpretam e promovem o patrimônio natural e cultural da humanidade”¹⁴. E o patrimônio, a sua vez, na sua conformação -- “conjunto de todos os bens ou valores, naturais ou criados pelo homem,

⁹ TICCIH-The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage. Disponível em: <<http://ticcih.org/about/>>. Acesso em: jul. 2013.

¹⁰ ICOMOS-International Council on Monuments and Sites. **About ICOMOS**. Disponível em: <<http://www.icomos.org/en/about-icomos/mission-and-vision>>. Acesso em: jul. 2013.

¹¹ TICCIH – Brasil, Comitê Brasileiro de Preservação do Patrimônio Industrial. **Bem vindo ao site do TICCIH – Brasil**. Disponível em: <<http://www.patrimonioindustrial.org.br/modules.php?name=Content&pa=showpage&pid=7>>. Acesso em: jul. 2013.

¹² DESVALÉES, A.; MAIRESSE, F. (Dir.). **Concepts clés de muséologie**. ICOFOM. 2010. 87 p. Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Museologie_Francais_BD.pdf>. Acesso em: jul. 2013.

¹³ ICOM. **Código de ética para museus do ICOM, Item 6**. ICOM-BR, 2009. Disponível em: <www.museum.icom.br/legislacao/codigoEtica.pdf>. Acesso em: jul. 2013.

¹⁴ ICOM, Op. Cit. 2009.

materiais ou imateriais, sem limite de tempo e de lugar”¹⁵ -- apresenta estado latente musealizável que o torna ambiência favorável para a musealização.

Podemos explicar: analisando os processos musealizar e patrimonializar é possível verificar a interação que se dá sedimentada por um complexo de fundamentos concernentes a formação das duas noções pelas visões interpretativas de suas naturezas e pelas intervenções realizadas segundo uma irmanada ordem museológico-patrimonial. Tudo assumido como prerrogativas das instâncias internacional e nacionalmente credenciadas pela dimensão da cultura e que acontecem no mesmo terreno onde estão enraizados e mesclados os atributos da memória coletiva, do pertencimento cultural, da preservação, da apropriação cultural e da ressignificação em sociedade dos bens simbólicos submetidos aos processos em questão¹⁶.

[...] o museu se funda, nessa perspectiva, inteiramente com a noção do patrimônio. [...] efetivamente se trata de uma forte tendência que pode ser observada ao longo dos últimos 20 anos: tornando-se cada vez mais difícil separar o patrimônio e museus, tal o modo que os dois estão fundidos. [...] O certo é que a maioria das obras sobre patrimônio aborda, de passagem, o mundo dos museus, porquanto a noção de patrimônio é central para a museologia (tradução e grifo nossos)¹⁷.

Corroborando a afirmativa de François Mairesse, outro autor da seara Museologia-Patrimônio, Jean Davallon¹⁸ assim se expressa: a “musealização é uma forma de patrimonialização -- um objeto de qualquer natureza tornando-se parte do “patrimônio””.

As duas formas apropriadoras da dimensão cultural são instauradas por instâncias integradas por instituições e especialistas. Os campos do conhecimento envolvidos com os temas patrimoniais outorgam a qualidade de entidades representativas dos seus grupos sociais de caráter profissional ou acadêmico. São instituições assinaladas como competentes. Configuram nichos da cultura museológico-patrimonial, modelam e tutelam diretrizes para o exercício próprio e para as outras instituições colaboradoras e afetas ao perfil que desenham.

¹⁵ DESVALÉES, André. **Terminología Museológica**. Proyecto Permanente de Investigación. Rio de Janeiro: ICOFOM/ICOFOM-LAM/Tacnet Cultural, 2000. p. 41.1 CD ROM.

¹⁶ LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas – Museologia e Patrimônio**, Belém, v. 7, n. 1, p. 31-50, jan/abr. 2012 Disponível em: <www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n1/a04v7n1.pdf> Acesso em: jul 2013.

¹⁷ MAIRESSE, François. L’histoire de la Muséologie, est-elle finie? In: ICOFOM ANNUAL SYMPOSIUM-Museology and History: a field of knowledge-2006. Museo Nacional Estancia Jesuítica de Alta Gracia y Casa del Virrey Liniers. Alta Gracia, Argentina. **Anais...** 2006. Munich/Germany, Córdoba/Argentina: ICOFOM/ICOFOM LAM. 2006. p. 90-91. (ICOFOM Study Series-ISS 35). Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%2035%202006%20History.pdf> Acesso em: jul. 2013.

¹⁸ DAVALLON, Jean. Synthesis of the Symposium, Session 4: Heritage, Preservation, Research, Object, Collection, Musealization. In: **ICOFOM Annual Symposium (32) - Museology: back to Basics. 2009**. Liège and Mariemont: ICOFOM. p. 13. (ICOFOM Study Series – ISS 38). Disponível em: <http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%2838%Suppl-Engl.pdf> Acesso em: jul. 2013.

A imagem da musealização e da patrimonialização corresponde a duas faces da moeda. E nesse contexto patrimonial interativo estão situados os museus dedicados ao patrimônio industrial.

Instalados, em geral, nos antigos locais de produção e readaptados ao novo uso, nesses casos são submetidos à musealização *in situ*, perspectiva de tratamento para a preservação que, de acordo com o TICCIH “deve ser sempre prioritariamente considerada”¹⁹.

Desse modo, os lugares e os demais componentes que emprestam especificidade ao trabalho industrial: prédios; máquinas, aparelhos, ferramentas; indumentária; objetos variados; entre outros exemplos, são requalificados, transmudados de suas funções originais quando, então, adquirem o caráter museológico como define e determina o princípio da musealização.

E espaços, construções, objetos/coleções e demais exemplares revitalizados como museus podem apresentar diferentes formatos técnicos-conceituais, portanto, conformam museus de distintas feições, modelos, embora o tema de fundo seja a herança industrial.

No rol dos critérios que presidem a musealização há um ponto básico e que segue o mesmo princípio aplicado em processos de patrimonialização, isto é, a noção que se sustenta na necessidade de preservar para o coletivo alguma coisa que se refira a um tempo-espaço da vida planetária. Em virtude desse entendimento muda a condição da coisa investigada ao estabelecer outro *status*, dotando-a de propriedade especial, portanto, destacando-a dos similares, diferenciando-a e atribuindo-lhe um caráter simbólico: seja pela outorga do estatuto (bem) museológico, seja pelo correspondente atributo do estatuto (bem) patrimonial, desse modo, promovendo quer num caso como noutro a institucionalização determinando a ação de tutela.

No entanto, nesse modo de imposição de valores culturais similares quanto ao intuito da preservação há que lembrar um aspecto diferencial, original, que rege musealizar e patrimonializar na medida em que os dois processos subentendem duas faces da perspectiva da preservação que se interpretam para tais casos. Temos assim o primeiro, a musealização, uma forma cultural cujo exercício estabelece, por lhe ser inerente, a condição de patrimonialização, desse modo, ostentando as duas faces. O segundo executa somente uma face do intento de preservar, patrimonialização, porque não domina a competência cultural exigida e específica para musealizar. Não estamos fazendo um mero jogo de palavras: em

¹⁹ TICCIH-The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage. **Carta de Nizhny Tagil sobre Patrimônio Industrial**. 2003. Tópico 5. Manutenção e Conservação, item III-A preservação in situ. Disponível em: <http://www.mnactec.cat/ticcih/pdf/NTagilPortuguese.pdf>. Acesso em: jul. 2013.

síntese e de modo simples podemos afirmar que todo bem musealizado é um patrimônio, mas nem todo patrimônio é um bem musealizado (embora potencialmente musealizável).

E a apropriação cultural, ação conferida pelos dois processos, envolve linhas interpretativas a partir de valores extraídos das referências que estabelecem associados à sociedade industrial e determinados segundo a ótica histórica, científica, econômica, política tecnológica, social, arquitetônica, entre outras perspectivas apropriadoras de uma prática que se caracteriza pela ressignificação.

1.1 O OBJETIVO E A METODOLOGIA

O plano traçado para realizar a pesquisa teve seu objetivo voltado para analisar as manifestações culturais representadas sob o enfoque de um Museu Industrial/da indústria que são componentes do conjunto das significações atribuídas aos elementos categorizados como Patrimônio Industrial (patrimonialização) e abordadas em contexto de instâncias culturais credenciadas (planos nacional e internacional), visando identificar na preservação (revitalização) sob a forma de musealização a referência técnico-conceitual aos modelos museológicos definidos pelo campo da Museologia.

A metodologia compreendeu levantamento e análise comparativa dos termos/conceitos Patrimônio e Museu associados ao contexto dos remanescentes industriais e mencionados em documentos e sites produzidos por instituições e por especialistas dos campos envolvidos com o tema, planos nacional e internacional, por atuarem como fontes de consulta e base para estudos no campo museológico e patrimonial. Em razão dos organismos internacionais consultados os idiomas apresentados pelas fontes são, além do português, o inglês, o francês e o espanhol.

Destacamos dentre as fontes pesquisadas:

a) Instâncias que representam a categoria cultural preservacionista e tutelar e estão ligadas ao Patrimônio (musealizável) e aos Museus (patrimônio musealizado): - ICCROM, *International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property*/Centro Internacional para Estudo da Preservação e Restauração do Patrimônio Cultural; - ICOM, *International Council of Museums*/Conselho Internacional de Museus; - ICOMOS, *International Council on Monuments and Sites*/Conselho Internacional de Monumentos e Sítios; - TICCIH, *International Committee for the Conservation of Industrial Heritage*/Comitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial; - UNESCO, *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*/Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. E em âmbito nacional: - IBRAM, Instituto

Brasileiro de Museus; - IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; TICCIH-Brasil, Comitê Brasileiro de Conservação do Patrimônio Industrial.

b) Diretrizes nacionais e internacionais: legislação (Brasil); e “Documentos Patrimoniais”²⁰:

[...] textos normativos – Convenções, Recomendações, Declarações, Cartas, Compromissos, Normas e similares – representando a produção internacional e ou nacional que, em especial, destaca o conjunto relativo às **normas/procedimentos para tratamento** do tema patrimônio, quer seja indicando a **interpretação conceitual como o exercício prático e oriundos das instâncias especializadas** [...] (grifo nosso).

c) Outras: tesouros, dicionários de temas técnicos; monografias (teses, dissertações, livros); artigos (periódicos científicos e anais de eventos) e capítulos de livros.

2 PATRIMONIO INDUSTRIAL MUSEALIZADO

No panorama histórico de áreas de produção industrial afetadas pelo declínio e estagnação econômico-social o desequilíbrio tem ocasionado inadequações no cotidiano dos moradores locais. As repercussões atingem o valor identificado como ‘identidade cultural’ dos grupos sociais envolvidos com o contexto profissional e que ali tiveram marcado o seu modo de vida. O processo de musealização aplicado ao Patrimônio Industrial dos locais comprometidos é um estímulo e um aliado para o processo de retomada e (re)construção do “valor afetivo de memória para aqueles que, por muitas gerações, tinham neles seu território e horizonte”²¹.

No contexto das manifestações ligadas ao Patrimônio Industrial as representações musealizadas são destacadas no que diz respeito à preservação e interpretação desses bens, segundo a Carta de Nizhny Tagil para o Patrimônio Industrial, documento do TICCIH, 2003 (tópico 7, Apresentação e interpretação, item II): “**Os museus industriais e técnicos**, assim como os sítios industriais preservados, **constituem meios importantes de proteção e interpretação do patrimônio industrial**”²² (grifo nosso). E o documento do Comitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial, TICCIH, organismo que vocaliza a instância cultural competente por ser a entidade representativa e apropriada para tratar das peculiaridades do tipo patrimonial referido à indústria; define a herança industrial como:

[...] **vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico**. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de tratamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia,

²⁰ LIMA, Diana Farjalla Correia. **Pesquisa Termos e Conceitos da Museologia – Relatório Docente período agosto 2005 - julho 2006**. Rio de Janeiro: UNIRIO – PROPG, DPq. 2006. p. 5.

²¹ CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001. p. 219-220.

²² TICCIH. 2003. Op. Cit.

meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação (grifo nosso).

A Carta é um marco histórico por ser o primeiro Documento Patrimonial, a primeira referência internacional a tratar o tema. Já mostrava o cuidado com o aspecto da intangibilidade que se alia aos bem simbólicos de ordem material ao anunciar (tópico 2, item III) como “valores intrínsecos” aos sítios: os “registros intangíveis contidos na memória dos homens e das suas tradições”²³. Em poucas linhas exprimia o complexo conjunto do Patrimônio Industrial e, também, ecoava a compreensão dos pesquisadores que, antes da data da sua publicação, incluíam na definição os itens relativos à “tradição oral, *know how*, processos, contextos cultural e social, história local, sons, experiências táteis e aromas”²⁴.

Alguns anos depois, durante a Décima Sétima Assembléia Geral do ICOMOS (Irlanda), 2011, foi reafirmada a ampliação conceitual para o termo Patrimônio Industrial ao ser adotado o documento Princípios Conjuntos ICOMOS-TICCIH para Conservação de Sítios, Estruturas, Áreas e Paisagens do Patrimônio Industrial, *Joint ICOMOS-TICCIH, Principles for the Conservation of Industrial Heritage Sites, Structures, Areas and Landscapes*, também nomeado “Princípios de Dublin” (*The Dublin Principles*)²⁵.

Buscou-se estabelecer uma definição de maior abrangência ao Patrimônio Industrial, reforçando seus atributos do aspecto intangível além da sua conformação material:

O patrimônio industrial compreende os sítios, as construções, os complexos, os territórios e as paisagens bem como os equipamentos, os objetos ou documentos que testemunham os processos de produção industriais antigos ou correntes, pela extração e pela transformação das matérias primas bem como as infraestruturas energéticas ou de transporte que lhes são associadas. Exprime uma relação estreita entre o ambiente cultural e natural visto que os métodos industriais – antigos ou modernos – dependem de recursos naturais, energia e vias de comunicação para produzir e distribuir amplamente os bens aos mercados. Este patrimônio comporta dimensões intangíveis como o saber-fazer, a organização do trabalho e dos trabalhadores e uma herança complexa de práticas sociais e culturais que resultam da influência da indústria sobre a vida das comunidades e sobre a mutação das sociedades e o mundo em geral (grifo nosso).

O entendimento da configuração dos bens culturais em seu aspecto integrado de

²³ TICCIH. 2003. Op. Cit.

²⁴ GOUVEIA, Feliz, LIRA, Sérgio, MENEZES, Suzana. A conceptual approach for non-material heritage: the case of the Hat Industry. In: **CIDOC CONFERENCE. 2002. International Committee for Documentation. Preserving Cultures: Documenting Non Material Heritage**. Porto Alegre, Brasil. CIDOC/ICOM. 2002. Disponível em: <<http://www2.ufp.pt/~slira/artigos/cidoc.pdf>>. Acesso em: jul. 2013.

²⁵ TICCIH-The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage; ICOMOS-International Council of Monuments and Sites. **Joint ICOMOS-TICCIH Principles for the Conservation of Industrial Heritage Sites, Structures, Areas and Landscapes**. França. 2011. p. 2. Disponível em: <http://www.icomos.org/Paris2011/GA2011_ICOMOS_TICCIH_joint_principles_EN_FR_final_20120110.pdf>. Acesso em: jul. 2013.

materialidade e intangibilidade faz-se marcante, do mesmo modo, na interpretação do campo da Museologia. O Conselho Internacional de Museus, ICOM, associação profissional que filia em âmbito internacional os agentes individuais e institucionais que atuam no domínio museológico, expressa no seu Estatuto ²⁶ a definição de **museu** integrando o patrimônio “**tangível e intangível da humanidade e seu ambiente**” (grifo nosso). Compõe pela designação de ambiente não só a idéia do entorno arquitetônico, mas também, a ambiência natural.

E a pluralidade de manifestações ligadas à vida industrial reconhecida pelos Princípios de Dublin nos extratos do imaterial e do tangível, além de relacionada à amplitude dada ao conceito de patrimônio ao longo dos tempos, ainda aponta para a vinculação direta com os complexos modelos de produção industrial cujos procedimentos de intervenção na natureza e no espaço social são tão variados quanto o universo de produtos gerados.

Apresentamos exemplos dos remanescentes tangíveis e intangíveis que compõem as representações do Patrimônio Industrial passíveis de integrar um processo de musealização.

QUADRO: PATRIMÔNIO INDUSTRIAL - EXEMPLARES PASSÍVEIS DE
MUSEALIZAÇÃO

PATRIMÔNIO INDUSTRIAL TANGÍVEL (materialidade)			PATRIMÔNIO INDUSTRIAL INTANGÍVEL (imaterialidade)
Abatedouros	Estaleiros	Navios	Cantos de Trabalho Depoimentos Orais Organização do Trabalho Procedimentos Saber-Fazer/ <i>Know How</i> Sons do Ambiente Fabril
Aterros	Fábricas	Paisagens Industriais	
Armazéns	Ferramentas	Patentes	
Aviões	Ferrovias	Pedras Litográficas	
Automóveis	Fornos	Plantas	
Canais	Guindastes	arquitetônicas	
Cartazes	Hangares	Pontes	
Chaminés	Manuais	Silos	
Docas	Máquinas	Torres	
Eletrodomésticos	Minas	Trens	
Embalagens	Moinhos	Túneis	
Equipamentos	Moldes	Uniformes	
Estações de Trem	Moradias	Usinas	
		Veículos	

Além da variedade de tipologias que compõem a categoria Patrimônio Industrial, ainda, temos que considerar as características intrínsecas a tais elementos. Dentre àquelas que

²⁶ ICOM-International Council of Museums. **ICOM Statute**. 2007. p. 2. Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Statuts/statutes_eng.pdf> Acesso em: jul. 2013.

influenciam significativamente as ações de preservação há a questão dos extensos modelos de exploração industrial a partir de grandes complexos, característica que torna substantiva a parte de vestígios do universo do Patrimônio Industrial correspondendo a sítios.

De acordo com o TICCIH (nota explicativa 2) devemos entender na categoria sítio: “as paisagens, instalações, edifícios, estruturas e maquinaria, excepto quando estes termos forem utilizados num sentido mais específico”²⁷. Em sendo extensões territoriais o processo de musealização torna-se a condição propícia e adequada para a ação conceitual e prática exercida *in situ*, conforme já observamos em outro trecho do artigo, pelas características que a manutenção e a conservação requerem.

Esse tipo de patrimônio musealizado cobrindo um sítio, extensão territorial significativa, geralmente se apresenta a céu aberto, podendo incluir espaços fechados por causa da sua constituição original geográfica e cultural, ou também pelas necessidades de sua readaptação e, de modo predominante, configura o modelo Museu de Território.

Um exemplo dessa musealização *in situ* assegurando ao mesmo tempo a manutenção física do lugar e a história do episódio da industrialização apresenta-se no Brasil, em Minas Gerais: Complexo Ferroviário de São João del Rei (São João del Rei e Tiradentes), antiga Estrada de Ferro Oeste de Minas (1872) também denominado Museu do Trem. Protegido pela ação legal de tombamento, IPHAN, 1989, tornou-se Patrimônio, Monumento Nacional Artístico e, também, Monumento Histórico²⁸, inscrito nas duas categorias de registro. O processo museológico recuperou um conjunto que estava em processo de degradação. Atualmente é composto por: 1- antigo trecho ferroviário (12 km) que apresenta formato original pela medida de bitola muito especial popularmente conhecida como bitolinha, e está em atividade transportando visitantes entre as duas cidades históricas com vagões de época e a locomotiva a vapor, Maria Fumaça; 2- duas estações ferroviárias de arquitetura secular, restauradas, e em uso de sua função específica; 3- armazém de carga da ferrovia, anexo à estação, abrigando determinadas coleções do Museu Ferroviário; 4- outras coleções como locomotivas, vagões e outros apetrechos estão expostos na Rotunda (São João del Rei), prédio circular (garagem) usado para manobras dos vagões com o mecanismo original que coloca a composição em posição de engate. A coleção apresenta, ainda, um aspecto particular qualitativo e quantitativo por reunir “o maior acervo de locomotivas a vapor preservado e

²⁷ TICCIH. 2003. Op. Cit .

²⁸ IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Tombamento**: Livro de Belas Artes, Inscrição: 596, data:3-8-1989 --Livro Histórico, Inscrição: 528, data:3-8-1989 -- Nº Processo: 1185-T-85. IPHAN. Arquivo Noronha Santos. Disponível em: < www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm > Acesso em: jul. 2013

original de um mesmo fabricante – Baldwin”²⁹.

Todo o aparato industrial em circuito de visitação rememora a história do lugar e da tecnologia do transporte ferroviário. Também desenvolve demais atividades que os museus comportam reutilizando como Centro de Artes e Auditórios dois prédios antigos: almoxarifado e armazém. O Complexo é administrado pela Ferrovia Centro-Atlântica, FCA³⁰ (Grupo Vale), por concessão do governo federal.

Outra experiência similar na manutenção da área e do tema e agora relacionada a um sítio industrial na França, porém, com o perfil do seu espaço ter sido alicerçado na percepção que o determinou calcado na interpretação de um território comunitário e, desse modo, refletindo no processo de musealização a participação de agentes envolvidos com o cotidiano das indústrias do lugar, o mesmo que comunidade local.

Os habitantes das localidades de Creusot e Montceau-les-Mines que construíram, registraram, consolidaram sua memória na região de exploração de minas de carvão a partir do século XIX realizando atividades industriais voltadas para Cer mica, Cristais, Metalurgia e Mineração, desde os anos 40 do século passado com o fim da exploração do carvão já vinham sentindo as dificuldades de manter a vida nas cidades em decorrência de mudanças do modelo da economia industrial. A situação se agravou, sobretudo, no fim dos anos 60 e início dos 70 gerando bruscas alterações econ micas pela obsolescência do setor industrial que caracterizava o cotidiano local. E em um quadro de crise no qual os abalos atingiram os referenciais da identidade coletiva, as comunidades contribuíram como um elemento catalisador e na qualidade de protagonistas de um processo de musealização aplicado em contexto industrial e considerado inovador. Nesse caso identificado como um Museu Comunitário qualificado como Ecomuseu pelos especialistas da Museologia. Os habitantes foram atores no processo que “se ergue em resposta às necessidades e desejos das pessoas que vivem e trabalham numa determinada área, e ativamente os envolve em todos os estágios”³¹.

Hugues de Varine³², membro atuante naquela época no contexto de direção do ICOM, considerado o mentor e ator principal da implantação do Ecomuseu (1971-72) explica que a idéia se concretizou “funcionando sobre noções de ecologia humana, de comunidade social, e de entidade administrativa, mas, sobretudo, definindo claramente o território e a vontade de

²⁹ MEMÓRIA FERROVIÁRIA. A história preservada em São João del Rei. **Revista Ferroviária**, São Paulo. jan. 2002. Disponível em: <<http://www.revistaferroviaria.com.br/memoriaferroviaria/materia3P.htm>>. Acesso em: jul. 2013.

³⁰ MEMÓRIA FERROVIÁRIA. Op. Cit.

³¹ VARINE, Hugues de. **Tomorrow’s Community Museums**. Utrecht: ICOM. 1993. Disponível em: <<http://www.assembly.coe.int/Museum/ForumEuroMusee/Conferences/tomorrow.htm>>. Acesso em: jul. 2013.

³² VARINE Hugues de. O Creuseot, 1971/1982. In: **O tempo social**. Tradução de Fernanda de Camargo Moro/Lourdes Rego Novaes. Rio de Janeiro: Eça. 1987. p. 39.

contribuir para o seu desenvolvimento”.

Nesse ponto vamos abrir parênteses e lembrar o que relatamos no início do artigo: o fortalecimento da questão do patrimônio industrial, anos 70, no bojo do aparecimento da perspectiva dos novos patrimônios.

O mesmo período no contexto museológico aponta para o questionamento sobre o desempenho do papel social do museu. E duas reuniões são destacadas marcando o assunto: Conferência Geral do ICOM, Conselho Internacional de Museus (Grenoble, França, 1971) e a Mesa-Redonda de Santiago (Chile, 1972), em organização e realização conjunta ICOM, UNESCO. Os encontros colocaram em evidência o problema do museu e sua ação efetiva a serviço da sociedade, da “humanidade” (documento do ICOM). E na segunda reunião foi firmado o conceito de Museu Integral formalizando um pensamento que já perpassava o campo museológico: o museu como partícipe no motor do desenvolvimento social.

Fechado parênteses retornamos ao Ecomuseu da Comunidade Urbana Le_Creusot-Montceau-les-Mines, criado sob o nome de Museu do Homem e da Indústria ³³, 1972, e depois nomeado Ecomuseu (1973) ³⁴, ilustrando o exercício desse modelo museológico desenvolvido pela primeira vez em contexto da tipologia Patrimônio Industrial.

É modelo no qual prevalece a imagem do pertencimento, portanto, todos os aspectos do território físico-cultural, tendo a escuta atenta para a comunidade que compartilha da criação e da gestão. É um modelo, ainda nas palavras do mesmo autor, que deve “utilizar o patrimônio da comunidade, no mais extenso sentido”, evidenciando a composição meio-ambiente natural e cultura nas suas tradições, o tangível e o intangível, reforçando os laços de um patrimônio comum a todos para ser transmitidos às gerações mais novas.

O Ecomuseu Le Creusot é rede territorial de centenas de quilômetros. Interliga 21 sítios, monumentos históricos protegidos como patrimônio francês pelo governo do país (*Inventaire Supplémentaire des Monuments Historiques*), em configuração de conjuntos como cidades nascidas da exploração industrial ou exemplares isolados. Há também coleções de objetos e de outros tipos de documentos distribuídos nas várias construções adaptadas, como o Centro de Documentação e a Biblioteca da Sociedade de Engenheiros Civis da França, cujo acervo doado (1997) constitui centro de referência para história das edificações ³⁵.

³³ VARINE, H. Op.cit. 1987. p. 39.

³⁴ ECOMUSÉE **Le Creusot-Montceau Les Mines**. Disponível em: <<http://www.ecomusee-creusot-montceau.fr/>>. Acesso em: jul. 2013.

³⁵ ECOMUSÉE. Op. cit.

Vale fazermos uma pequena descrição ³⁶ do cenário nascido da industrialização e musealizado que mescla, por exemplo, o canal das barcaças para o primitivo transporte industrial; a arquitetura e itens típicos como “Minas de carvão, coque, plantas, altos-fornos, fundição, forjas, moinhos, oficinas de construção mecânica” destacando: “Oficina de Guindastes e Locomotivas” (1850), fábrica de cerâmica -- *La Briqueterie* (1897-1920), e a fábrica de cristais; aos elementos representativos da vida espiritual como igrejas; ao da instrução ministrada representada pela escola comunitária (1880); ao vilarejo dos mineiros – *La Combe des Mineurs* (1826); aos castelos – Breuil, atualmente um hotel, e La Verrerie, antiga residência dos proprietários do complexo industrial de Creusot-Montceau (*Schneider Frères et Cie*), hoje sede do Ecomuseu com coleções que relatam materialmente a vida local, entre as quais cristais, cerâmica, pintura, desenho, maquete, fotografia, e cartazes que são avisos de segurança do trabalho para serem afixados nas fábricas.

E no sítio do Ecomuseu que combina a paisagem natural em amplo e variado roteiro de visitação está sediado o Comitê de Informação e de Ligação para a Arqueologia, o Estudo e a Valorização do Patrimônio Industrial, CILAC (1979).

Outro exemplo da musealização do patrimônio industrial respeitando o espaço e a história original que constituíram a vida do lugar é a “garganta da ponte de ferro”, *Ironbridge Gorge* (1776-79), Inglaterra, categorizada como Patrimônio Cultural da Humanidade, 1986 (UNESCO). Trata-se da primeira ponte construída com tecnologia de ferro e “teve uma considerável influência sobre os desenvolvimentos nos domínios da tecnologia e arquitetura”. A obra de engenharia está situada na ambiência do *Ironbridge Gorge Museum*, 35 sítios com 10 museus e área considerada um “símbolo da Revolução Industrial” por apresentar “elementos de progresso que contribuíram para o rápido desenvolvimento” da “região industrial no século XVIII, das minas [...] para as linhas ferroviárias. Nas proximidades, o alto-forno de Coalbrookdale, construído em 1708, é um lembrete da descoberta da fundição com coque” ³⁷.

A Ponte, nesse caso, designando todo o complexo território musealizado, integra na condição de “ponto de ancoragem” na rede de preservação para sítios industriais Rota Européia do Patrimônio Industrial, *European Route of Industrial Heritage*, ERIH.

A iniciativa ERIH, que se iniciou tendo o apoio da União Européia, objetiva “proteger

³⁶ O texto foi composto usando como fonte para identificação dos itens do Ecomuseu o seu site eletrônico, ECOMUSÉE Le Creusot-Montceau Les Mines, já referenciado.

³⁷ UNESCO, World Heritage List. **Ironbridge**. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/371>>. Acesso em: jul. 2013.

os sítios industriais europeus e usar sua preservação como motor para o desenvolvimento das regiões que sofrem com o declínio econômico”. O projeto se divide em “rotas regionais”, “rotas temáticas” e cada “ponto” corresponde a sítios que se organizam com infraestrutura para atendimento aos visitantes. A malha temática da rede cobre a maioria dos países europeus (alcança 43 dos 50 países do continente)³⁸. Nos roteiros que já foram musealizados alguns são indicados como Museu de Percurso, denominação que não está claramente definida e ainda merece estudos do campo museológico.

E não se pode esquecer que sítios industriais musealizados, como qualquer outro museu (de tipologia técnica ou abordagem temática), são considerados pelo setor do turismo na categoria de “oferta turística de atração” e incluídos no segmento do Turismo Cultural, desse modo, o museu é identificado na classe Atrativo Turístico Cultural³⁹ e compõe os roteiros de visitação de um recurso econômico que recebeu a alcunha de “indústria sem chaminés”.

Também no processo de revitalização reutilizando-se as construções de perfil industrial é interessante apontarmos a transformação de sítios industriais em museus cuja refuncionalização construtiva e enfoque temático não representam o contexto da indústria como os que estávamos relatando. Trata-se da ocupação de espaços cuja nova proposta conceitual não privilegia o histórico de origem e de trajetória técnica e humana do sítio. No entanto, o uso desses espaços formaliza o aproveitamento arquitetônico para finalidade cultural como metodologia para a preservação. Dessa maneira, são ações implantadas em contraponto às ameaças da destruição que rondam as construções industriais, sobretudo, pela especulação urbana entre outras tantas causas conhecidas⁴⁰.

O exemplo que vamos abordar como configuração de novo uso refere-se a ampla estação ferroviária construída em razão da Exposição Universal em Paris (1899) e, em nosso século, transmudada para um expressivo museu de artes. E nesse caso é identificável que seu arranjo foi configurado seguindo um modelo clássico da tipologia museológica, isto é, o Museu Clássico ou Museu Tradicional.

³⁸ EUROPEAN INSTITUTE OF CULTURAL ROUTES. **ERIH-European routes of the industrial heritage**. Disponível em: <http://www.culture-routes.lu/php/fo_index.php?lng=en&dest=bd_pa_det&rub=75>. Acesso em: jul. 2013.

³⁹ UNTWO - World Tourism Organization. **Home**. Disponível em: <<http://www2.unwto.org/>>. Acesso em: jul. 2013.

⁴⁰ O episódio no Rio de Janeiro do destombamento para a implosão (2011) do extenso quarteirão no qual estava situada a fábrica (século XIX) da cervejaria Brahma (antiga Manufatura de Cerveja Brahma Villiger & Companhia) para a expansão das arquibancadas do Sambódromo vem a demonstrar que, no caso em pauta, o poder público (o prefeito Eduardo Paes acionou o mecanismo da implosão) que deveria ser o responsável pela memória e história da sua cidade pode agir como um elemento transgressor alimentando o imaginário e comandando o processo destrutivo.

Esse modelo museológico tem sido o dominante pelo longo tempo de sua existência e cabe considerá-lo como o primeiro modelo que se entende, modernamente, por museu. É constituído em razão da natureza predominante de ser detentor de coleções. A sua ênfase conceitual e prática faz-se voltada ao estudo e tratamento que se sustenta no objeto museológico e suas relações documentais e contextuais. Entre outras características abriga acervo em edificação (criada para tal fim ou aproveitada) e o seu processo decisório emana de instâncias político-administrativas credenciadas, ou dizendo de outra maneira, é estabelecido sem a presença e participação efetiva de grupos comunitários relacionados ao histórico do lugar ou das coleções, portanto, carecendo dessa representação social na sua criação e na sua permanência como ocorre no modelo do ecomuseu, conforme exemplificamos na menção ao Creusot.

E em se tratando da antiga estação ferroviária em questão, categorizada pelo governo francês como um monumento histórico, a construção nos ‘fala’ da arquitetura na qual o ferro e o vidro são elementos marcantes da tecnologia industrial de época e, ainda, agrega figuras decorativas em trechos da fachada: o Museu d’Orsay, 1986 (antiga *Gare d’Orsay*). E sua paisagem cultural se completa pela localização na margem do rio Sena, trecho do sítio histórico de Paris e declarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, Lista do Patrimônio Mundial, 1991, por representar o processo da evolução urbana da cidade ⁴¹. O acervo vasto e representativo cobre o período artístico das linguagens ocidentais entre 1848/1914. As coleções de pintura, escultura, artes decorativas, artes gráficas, fotografia e arquitetura exibem nomes emblemáticos no circuito internacional e são originadas de seleção artística específica e da transferência de obras de reconhecida qualidade de outros museus (do mesmo modelo clássico) o Louvre, o Jeu de Paume e o Nacional de Arte Moderna e Cultura, Centro Pompidou ⁴².

O aproveitamento da área original da estação ferroviária para espaços do museu com seus usos diferenciados (três andares) além do circuito expositivo das galerias de visitação, como por exemplo: público (biblioteca); administrativo; técnico -- pesquisa, documentação, reserva técnica; requereu planejamento e execução rigorosos que alcançou resultados de rara qualidade ⁴³, deixando mostrar nos ambientes a arquitetura original dialogando com obras de arte expostas. E essa solução harmônica encontrada no d’Orsay, conforme demonstra a

⁴¹ UNESCO, World Heritage List. **Paris, Banks of the Seine**. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/600/>>. Acesso em: jul. 2013.

⁴² MUSÉE D’ORSAY. Disponível em: <<http://www.musee-orsay.fr/en/home.html>>. Acesso em: jul. 2013.

⁴³ O vídeo ‘ORSAY que mostra cenas do processo de revitalização. Pode ser visto no site, em Video Gallery: <<http://www.musee-orsay.fr/en/tools/video-gallery/video-gallery.html>> .

experiência, é trabalho de extrema dificuldade e configura um ato cuidadoso em prol da preservação de um remanescente industrial refuncionalizado como museu de arte.

Outra ocorrência de reutilização também sem o compromisso temático com o histórico industrial do lugar, agora em solo brasileiro. O museu que vamos focalizar não obstante a abordagem que apresenta estar dissociada do assunto indústria detém feição bastante original pela situação que desfruta na atualidade: o conjunto arquitetônico abriga uma estação de trem ainda ativa e divide o mesmo lugar edificado com um amplo espaço que foi musealizado, o Museu da Língua Portuguesa Estação da Luz, no centro da capital de São Paulo, inaugurado em 2006.

O museu ocupa parte da construção industrial (fins do século XIX, início XX), uma edificação protegida por legislação estadual de São Paulo, registrada no Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico, 1982, (CONDEPHAAT). O lugar que “foi a principal porta de entrada à cidade de São Paulo” deve sua relevância patrimonial a “condição de infra-estrutura econômica para o país: por ali passava o café a ser exportado no porto de Santos, assim como também ali chegavam bens de consumo e de capital importados que abasteciam a cidade” (grifo do autor) ⁴⁴.

O circuito de exposição narra a história de um Patrimônio Intangível, a nossa língua, sua formação, países e demais lugares onde é falada, os diferentes falares e outros aspectos correlacionados ⁴⁵. A mostra se comunica alicerçada nos recursos da moderna tecnologia da informação e com base de uso interativo.

Trata-se de outro exemplo de reaproveitamento de um sítio transformado pela revitalização e que se modula tendendo a ser identificado no contexto do modelo do museu de perfil tradicional, embora não apresente uma coleção de aspecto materializado no sentido costumeiro dado ao termo. Sua criação não implicou em nenhuma característica diferencial ligada a um território (como assim se entende) ou comunidades como já descrevemos, embora a língua reflita a questão da identidade dos povos. E sua instalação atuou também como ação de cunho preservacionista destinando para fins culturais um espaço ligado ao processo da indústria.

E talvez possa causar estranheza apresentarmos o idioma, um Bem Intangível e de proposta musealizada em um espaço arquitetônico ‘reciclado’, apontando-o tendo como

⁴⁴ CONDEPHAAT, Listagem dos Bens Tombados. **Estação da Luz, São Paulo**. Disponível em <<http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.43bcf857bf12dca6f7378d27ca60c1a0/?vgnnextoid=43d2111e5789b110VgnVCM100000ac061c0aRCRD>>. Acesso em: jul. 2013.

⁴⁵ MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, ESTAÇÃO DA LUZ. Disponível em: <<http://www.museulingua.org.br/>>. Acesso em: jul. 2013.

referência o modelo clássico de museu quando não existe uma coleção, ou seja, a condição tangível do objeto museológico. No entanto, permitimo-nos considerar em contexto museológico que o intangível e intangível compõem uma unidade e, no caso em foco, apesar da ausência de uma coleção/objetos na acepção usual, podemos levar em conta que o idioma é um acervo cultural (patrimônio das comunidades) formado por conjuntos de palavras e reunidos como coleções de similaridades e de dissonâncias; expresso pela fala cuja sonoridade pode ser documentada, isto é, materialmente registrada, facultando que por meio da comunicação gráfica, ou o seu aspecto de apresentação material, possa ser percebida, lida e interpretada pela via da visualidade, desse modo, podendo ser objeto passível de representação tangível no museu. E os recursos tecnológicos de exposição usados pelo Museu da Língua Portuguesa para tratar o tema do idioma dão conta de realizar a tarefa de transferência da informação da sonoridade à visualidade de modo plasticamente original.

3 MUSEALIZAÇÃO, A ESTRATÉGIA REVITALIZADORA DE SALVAGUARDA

Há mais de meio século os remanescentes da industrialização não eram um assunto efetivamente discutido sob os olhares do interesse patrimonial, por essa razão as ocorrências de descaso se davam em vários países. A situação, naquele momento, prenunciava que estariam fadados à destruição. A degradação física já havia alcançado vários sítios e elementos, ou os ameaçava pondo à margem os referenciais profissionais e pessoais da memória dos trabalhadores e de habitantes locais. Atingia, assim, os aspectos materiais e intangíveis da vida das pessoas e dos seus lugares de atividades, enfim, o seu patrimônio cultural entendido em sentido amplo, isto é, com integração da natureza existente no sítio ou no seu entorno, completando a imagem que nos dias de hoje é entendida como paisagem cultural.

E ao longo desse tempo, a perspectiva de uma nova mirada interpretativa acerca das formas de representação da herança cultural foi introduzindo os vestígios da indústria no âmbito do olhar patrimonial, evidenciando e categorizando o tema para fins de estudo. Tal providência alertou para que não se instalasse a lacuna do esquecimento e não se alastrasse a destruição dos remanescentes industriais, situação fatalmente condutora de perdas físicas e dramáticas para a memória social que, de modo geral, só são compreendidas (quando o são...) tempos depois e com danos considerados irreparáveis.

A afirmação de uma nova categoria a ser preservada, o Patrimônio Industrial, a valoração e o significado que lhe foram atribuídos como resultado dos estudos da Arqueologia Industrial, a disseminação da sua imagem em plano internacional pelos Documentos

Patrimoniais, destacando Nizhny Tagil e Princípios de Dublin abriu, sobretudo, espaço para destacar no foco dos estudos o componente fundamental que imprime vida ao contexto industrial: o grupo dos agentes que construíram a história e memória dos ‘vestígios’ do setor, o operariado com sua experiência material e intangível no quadro da profissão e no reduto do mundo privado.

É sabido que lugares e edificações se deterioram quando não são usados, melhor dizendo, vivenciados. A memória coletiva dos que ali moravam, atuavam e que compõe a história do lugar fenece quando não é lembrada, não é estimulada a permanecer no presente. No panorama das medidas de transformação para não permitir a destruição e o esquecimento temos a ação cultural de intervenção, a revitalização. E torna-se o horizonte apropriado como proposta premente e necessária pela situação ainda precária dos remanescentes industriais nos dias de hoje que continuam ameaçados, inclusive, por decisões políticas desastrosas como a ação administrativa carioca que determinou a destruição do complexo industrial da Brahma.

No modelo da interferência adequada para o exercício de revitalizar o processo de Musealização (agora com letra inicial maiúscula!) é entendido como providência que não se limita a intervenção física, sempre bem vinda porque permite conservar o caráter material e possibilita a função social de uso, mas principalmente pela promoção da (re)conquista da memória dos que ali atuaram (ou atuam) na medida em que a memória coletiva é a capacidade diuturna de construir-se e registrar-se no imaginário social. Seus testemunhos conformam a vida humana. Estão fixados na materialidade dos suportes e nas facetas interpretativas que se inscrevem nos costumes que marcam a identidade dos grupos sociais. E o objeto tratado pela Musealização é a unidade tangibilidade-intangibilidade que perfaz a memória coletiva de um tempo patrimonial e referenciada em um espaço industrial.

O processo oferece condições para compartilhar a(s) memória(s). Propicia oportuna situação de participação pela via especializada da implantação de um local de teor referencial e de uso público para fins de estudo e de visitação prazerosa: o Museu. E o novo contexto vem estabelecer na instituição criadas ações conjuntas de pesquisa cuidadosa, manutenção/conservação criteriosa e a comunicação de narrativa respeitosa e palatável sobre os aspectos desenvolvidos em ambientes industriais, bem como acerca das vivências das pessoas em face das questões positivas e negativas trazidas pelo trabalho cotidiano industrial.

Entretanto, devemos esclarecer que nem todos os sítios industriais, conforme vimos, realizam adaptações dirigidas para museus dedicados aos assuntos da indústria. E por tal motivo há modos diferentes de tratamento relativo a contexto de pesquisa, informação e comunicação nos museus que usam espaços industriais revitalizados. Enquanto há os que são

compromissados com a vida pregressa do sítio industrial, qual seja o desenvolvimento de estudos acerca dos locais e dos atores que deram vida a tais lugares ao longo dos tempos, agregação dos resultados de tais investigações ao histórico do espaço revitalizado e disseminação dessa informação que, por sua vez, é fonte de consulta e contribuição especializada para os que pesquisam as questões do Patrimônio Industrial; há outros que pela configuração que os delineou não se enquadram nessa postura. São os museus que não mantêm relação temática de abordagem com o panorama da indústria, mas se estruturaram como o motivo para a preservação dos espaços que, no passado, serviram de instalações industriais⁴⁶.

A pesquisa que realizamos permitiu-nos verificar que a intervenção a cargo do campo da Museologia feita pelo processo Musealização, um dos procedimentos para a preservação e para a dinâmica de instalação de um movimento de vida nos locais, é uma prática que desencadeia função sócio-cultural revitalizadora no contexto do Patrimônio, no caso em pauta o Industrial, e atende ao princípio de servir a sociedade, conforme a definição de Museu.

Independente da modelagem ou nomenclatura que possa reger a abordagem tipológica para implantar a Musealização contemplando o tema ou um espaço do mundo da indústria seja nas denominações da feição do Museu Tradicional ou Clássico, do Museu a Céu Aberto, Museu de Território, do Ecomuseu, do Museu Comunitário, ou também o que se pretende nomear Museu de Percurso, todos são estabelecidos a partir da proposição museológica de aproveitamento de espaços degradados. Formalizam-se como pontos mobilizadores de fluxo para visita cultural, como espaços de pesquisa, revigoram o lugar sob diversos aspectos, inclusive no fomento à geração de empregos. Esse foi o cenário com o qual nos deparamos em nossa investigação.

O processo denominado Musealização na sua forma técnico-conceitual de interpretação e aplicação é um recurso para revitalização cultural que se reveste de valor social estratégico no contexto das modalidades de salvaguarda do patrimônio, especialmente em áreas decadentes como ocorreu e, ainda, ocorre com os complexos industriais que, até bem pouco tempo, não tinham recebido o devido reconhecimento como elemento de valor patrimonial com as complexas relações que seu tema envolve.

E nesse contexto de reuso não podemos fechar os olhos às ameaças que rondam os espaços industriais, as pressões de ordem política, econômica, social e sua gama de interesses

⁴⁶ A nosso ver poderiam lembrar a memória do lugar/pessoas facultando informação qualitativa e quantitativa comunicada no local físico, no site, em folhetos, catálogos etc. Quando há alguma informação se restringe a um breve relato. Essa situação em um museu, espaço institucionalizado de memória coletiva/patrimônio, parece-nos contrária ao processo de rememorar.

equivocos que os consideram ou nos domínio do descartável, pois suas áreas tornaram-se territórios financeiramente supervalorizados e a especulação urbana os cobiça e os destrói, ou reutilizáveis a qualquer pretexto e sob a égide convincente de uma imagem mercadológica para recuperação, contudo inadequada, descaracterizando-os com intervenções e destinações equivocadas que os desterra do panorama da memória social.

REFERÊNCIAS

CASANELLES, Rahola Eusebi. El Patrimonio Industrial, un Nuevo Patrimonio. In: **TICCIH-ICOMOS Working Seminar, 2006**. Barcelona-Espanha. TICCIH-ICOMOS. 2006. Disponível em: <<http://www.international.icomos.org/18thapril/2006/18abril2006-4.htm>>. Acesso em: jul. 2013.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

CONDEPHAAT, Listagem dos Bens Tombados. **Estação da Luz, São Paulo**. Disponível em <<http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.43bcf857bf12dca6f7378d27ca60c1a0/?vgnnextoid=43d2111e5789b110VgnVCM100000ac061c0aRCRD>>. Acesso em: jul. 2013.

DAVALLON, Jean. Synthesis of the Symposium, Session 4: Heritage, Preservation, Research, Object, Collection, Musealization. In: **ICOFOM Annual Symposium (32) - Museology: back to Basics. 2009**. Liège and Mariemont: ICOFOM. p. 12-23. ICOFOM Study Series – ISS 38. Disponível em: <http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%2838%Suppl-Engl.pdf> Acesso em: jul. 2013.

DESVALÉES, André. **Terminología Museológica**. Proyecto Permanente de Investigación. Rio de Janeiro: ICOFOM/ICOFOM-LAM/Tacnet Cultural, 2000. p. 41. 1 CD ROM.

DESVALÉES, André.; MAIRESSE, François. (Dir.). **Concepts clés de muséologie**. ICOFOM. 2010. Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Museologie_Francais_BD.pdf>. Acesso em: jul. 2013.

ECOMUSÉE **Le Creusot-Montceau Les Mines**. Disponível em: <<http://www.ecomusee-creusot-montceau.fr/>>. Acesso em: jul. 2013.

EUROPEAN INSTITUTE OF CULTURAL ROUTES. **ERIH-European routes of the industrial heritage**. Disponível em: <http://www.culture-routes.lu/php/fo_index.php?Lng=en&dest=bd_pa_det&rub=75>. Acesso em: jul. 2013.

FICCIM - **First International Congress on the Conservation of Industrial Monuments**. Disponível em: <<http://ticcih.org/activities/congresses/#gb>>. Acesso em jul. 2013.

GOUVEIA, Feliz; LIRA, Sérgio; MENEZES, Suzana. A conceptual approach for non-material heritage: the case of the Hat Industry. In: **CIDOC CONFERENCE. 2002, International Committee for Documentation. Preserving Cultures: Documenting Non**

Material Heritage. Porto Alegre, Brasil. CIDOC/ICOM. 2002. Disponível em: <<http://www2.ufp.pt/~slira/artigos/cidoc.pdf>>. Acesso em: jul. 2013.

IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus. **Os Museus.** Disponível em: <www.ibram.gov.br>. Acesso em: jul 2013.

ICOM-International Council of Museums. **ICOM Statute.** 2007. Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Statuts/statutes_eng.pdf> Acesso em: jul. 2013.

ICOM. **Código de ética para museus do ICOM, Item 6.** ICOM-BR, 2009. Disponível em: <www.museupm.com.br/legislacao/codigoEtica.pdf>. Acesso em: jul 2013.

ICOMOS-International Council on Monuments and Sites. **About ICOMOS.** Disponível em: <<http://www.icomos.org/en/about-icomos/mission-and-vision>>. Acesso em: jul. 2013.

IGESPAR-**INSTITUTO DE GESTÃO DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO. Patrimônio industrial.** Disponível em: <<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/itinerarios/industrial1/>>. Acesso em: jul. 2013.

IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Tombamento:** Livro de Belas Artes, Inscrição: 596, data: 3-8-1989 -- Livro Histórico, Inscrição: 528, data: 3-8-1989 -- Nº Processo: 1185-T-85. Arquivo Noronha Santos. Disponível em: <www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm> Acesso em: jul. 2013.

LIMA, Diana Farjalla Correia. **Pesquisa Termos e Conceitos da Museologia–Relatório Docente** período ago 2005 jul 2006. Rio de Janeiro: UNIRIO – PROPG, DPq. 2006. 11 p.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Atributos Simbólicos do Patrimônio: Museologia / "Patrimoniologia" e Informação em Contexto da Linguagem de Especialidade. In: ENANCIB 2010-ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11, 2010, Rio de Janeiro. **Anais..., GT 9–Museu, Patrimônio e Informação.** Rio de Janeiro: ANCIB, PPGCI-IBICT/UFRJ, 2010. 20 p. 1 CD ROM. Disponível em: <<http://congresso.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/view/273/311>>. Acesso em: jul. 2013.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas – Museologia e Patrimônio**, Belém, v. 7, n. 1, p. 31-50, jan/abr. 2012 Disponível em: <www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n1/a04v7n1.pdf> Acesso em: jul 2013.

MAIRESSE, François. L'histoire de la Muséologie, est-elle finie? In: ICOFOM ANNUAL SYMPOSIUM- Museology and History: a field of knowledge-2006. Museo Nacional Estancia Jesuítica de Alta Gracia y Casa del Virrey Liniers. Alta Gracia, Argentina. **Anais... 2006.** Munich/Germany, Córdoba/Argentina: ICOFOM/ICOFOM LAM. 2006. p. 86-93. (ICOFOM Study Series-ISS 35). Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%2035%202006%20History.pdf> Acesso em: jul. 2013.

MEMÓRIA FERROVIÁRIA. A história preservada em São João del Rei. **Revista Ferroviária**, São Paulo. jan. 2002. Disponível em: <<http://www.revistaferroviaria.com.br/memoriaferroviaria/materia3P.htm>>. Acesso em: jul. 2013.

MENEGUELLO, Cristina. Sobre o conceito de centro histórico – como se preservar o que não se pode definir?” In: **Anais do XIX CLEFA-** Conferência Latino-americana de Escolas e Faculdades de Arquitetura. São Paulo: Mackenzie, 2001.

MOUTINHO, Mario C. A declaração de Quebec de 1984. In: ARAUJO, Marcelo M.; BRUNO, Maria Cristina Oliveria. (Orgs.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo** – documentos e depoimentos. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995. p. 26-29.

MUSÉE D' ORSAY. Disponível em: <<http://www.musee-orsay.fr/en/home.html>>. Acesso em: jul. 2013.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA ESTAÇÃO DA LUZ. Disponível em: <<http://www.museu.linguaportuguesa.org.br/>>. Acesso em: jul. 2013.

TICCIH-The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage. Disponível em: <<http://ticcih.org/about/>>. Acesso em: jul. 2013.

TICCIH-The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage. **Carta de Nizhny Tagil sobre Patrimônio Industrial**. 2003. Disponível em: <<http://www.mnactec.cat/ticcih/pdf/NTagilPortuguese.pdf>>. Acesso em: jul. 2013.

TICCIH – Brasil, Comitê Brasileiro de Preservação do Patrimônio Industrial. **Bem vindo ao site do TICCIH – Brasil**. Disponível em: <<http://www.patrimoniointustrial.org.br/modules.php?name=Content&pa=showpage&pid=7>>. Acesso em: jul 2013.

TICCIH-The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage; ICOMOS-International Council of Monuments and Sites. **Joint ICOMOS–TICCIH Principles for the Conservation of Industrial Heritage Sites, Structures, Areas and Landscapes**. França. 2011. Disponível em: <http://www.icomos.org/Paris2011/GA2011_ICOMOS_TICCIH_joint_principles_EN_FR_final_20120110.pdf>. Acesso em: jul. 2013.

TRINDER, Barrie. Reflections on the development of industrial archaeology. **TICCIH Bulletin**. n. 12. 2000. N. P. Disponível em: <<http://www.mnactec.com/TICCIH/but.htm>>. Acesso em: jul. 2013.

VARINE Hugues de. O Creuseot, 1971/1982. In: **O tempo social**. Tradução de Fernanda de Camargo Moro/Lourdes Rego Novaes. Rio de Janeiro: Eça. 1987.

VARINE, Hugues de. **Tomorrow’s Community Museums**. Utrecht: ICOM. 1993. Disponível em: <<http://www.assembly.coe.int/Museum/ForumEuroMusee/Conferences/tomorrow.htm>>. Acesso em: jul. 2013.

UNESCO. **World Heritage List**. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/>>. Acesso em: jul. 2013.

UNTWO - World Tourism Organization. **Home**. Disponível em: <<http://www2.unwto.org/>>. Acesso em: jul. 2013.